



GAZETA JOVEM

Um jornal jovem como você.

BRASÃO

RESTAURANTE BOITE

"a melhor casa"

Av. Rio Branco, 2262 — Fone 2-6732



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Grupo

Divulgação

apresenta

**CANCIONEIRO
DE
LAMPIÃO**

de Nerthan Macedo

ZÁS — O CURSO

1.º LUGAR NA ENGENHARIA

UFJF - 74

ICBJ

ICE

ICHL



**“No país dos nordestinos
de agucros infinitos,
ainda se ouvem os gritos
do seu feroz combater,
na toada das rendeiras,
na voz do cego das feiras,
o peito quente do povo
espera o seu renascer.”**

MODAS GENY

cumprimenta o

GRUPO DIVULGAÇÃO

Gal. Epaminondas Braga

ÓTICA JUIZ DE FORA

VEJA SEMPRE COM BONS OLHOS

HALFELD, 792

LITERATURA DE CORDEL

Apesar dos novos meios de comunicação, a literatura de cordel é ainda a leitura predileta das populações rurais e das camadas mais pobres da população urbana brasileira.

Consiste em livretos, pequenas brochuras com capa de papel ordinário, contendo versos ilustrados por xilogravuras rústicas. Para serem vendidos, os folhetos costumam ser expostos pendurados em fios de algodão — cordéis — nas feiras das cidades sertanejas, nas ruelas de Caruaru em Pernambuco e Feira de Santana na Bahia, ou mesmo nas bancas de jornais dos grandes centros como São Paulo, Recife Salvador.

Os autores dos poemas de cordel são profundos conhecedores das tradições e dos valores, aos quais seus leitores se dedicam. Sua arte encontra continuação nos cantadores que ganham a vida abrilhantando as festas sertanejas com cantorias e desafios. Esses cantadores, apesar de ainda sobreviverem em algumas regiões mais afastadas, vão se tornando, progressivamente obsoletos, cedendo lugar aos autores de literatura de cordel, que, muitas vezes, por serem semi-analfabetos, compõem oralmente seus poemas, ditando-os a terceiros.

Fica portanto provado que não é privilégio dos eruditos a arte de versejar. O caboclo sertanejo, de alpercatas e chapéu de couro, sonoridade e cadência peculiares narra seus males, alegrias, malícias e destemperos, numa linguagem poética que não fica a dever à de muita gente culta. Seus versos, presos a uma constante popular, possuem código poético que os torna, consciente ou inconscientemente, peritos em sua arte simples, mas autêntica. Hiatos e pausas frequentes pontilham trovas e desafios de vocábulos típicos, hilariantes, com tiques vocálicos que só os avançados meios de comunicação seriam capazes de reproduzir com a mesma riqueza.

Esses romances em verso vêm sendo impressos e reimpressos, desde o final do século XIX, nas chamadas folheterias, oficinas artesanais, onde o tipógrafo trabalha com um prelo manual e o ilustrador faz as matrizes das xilogravuras em pedaços de casca de cajazeiras ou de umburana-de-cheiro, utilizando um pedaço de arame farpado.

A maioria dos folhetos narra história de amor ou as emocionantes aventuras de grandes heróis. Estes podem ser, tanto da tradição européia (Carlos Magno e os Doze Pares de França), nacional (Padre Cícero), regional (cangaceiro Antônio Silvino) ou mesmo local. Bastante apreciadas são as divertidas espécies de heróis como Pedro Malazarte e Canção do Fogo, onde a astúcia sempre acaba vitoriosa.

FIACÇÃO SANTA TEREZINHA

DESDE 1938 CONTRIBUINDO
PARA PROGRESSO DO BRASIL

AV. RIO BRANCO, 870

PRESENTES FINOS - JÓIAS - CRISTAIS
E RELÓGIOS DAS MELHORES MARCAS

WINDSOR

TEM OS MELHORES PLANOS DE PAGAMENTO

RUA HALFELD, 799 — FONE 2-1788

Na maioria dos casos, os poemas de cordel são compostos em estrofes de seis ou sete versos de sete sílabas. As de seis versos, sextilhas, assemelham-se a conjuntos de três versos com o mesmo ritmo, já que possuem, alternadamente, uma entonação ascendente e descendente.

De maneira geral, essas histórias tendem a criticar os comportamentos não condizentes com os padrões tradicionais. Todavia, através delas são divulgadas várias informações, (como, por exemplo, “A Lamentável Morte do Presidente Getúlio Vargas”) que, de outro modo, nunca romperiam a grande distância física e social que separa os centros urbanos, sede da maioria dos acontecimentos, das comunidades rurais, isoladas em seu pacato cotidiano.

Devido ao grande êxodo rural, característico do Brasil, com inúmeras famílias constantemente partindo para as cidades em busca de melhores condições de vida e trabalho, a produção da literatura de cordel, típica das zonas rurais, sofreu mudanças marcantes. Assim, as antiquadas folheterias estão sendo substituídas por modernas máquinas impressoras e a xilogravura cai em desuso. Ao mesmo tempo, novos temas vão se incorporando ao acervo tradicional: “O Casamento de Caetano Veloso”, “A Conversa de Roberto Carlos com Satanás”, etc..

O poeta popular não é somente lírico, humorístico ou fantasioso. Nunca distante da realidade que o motiva, ou da realidade que quer transmitir, está sempre atento e atualizado, reivindicando e buscando participar. As misérias e as tristezas da região, ele as registra, deixando transparecer as angústias, mas sempre com esperança. É um autêntico porta-voz do folclore que, alguns lugares, ainda vence os modernos veículos de comunicação.

Segundo Orígenes Lessa, vem das primeiras décadas do século a afirmação da literatura de cordel. Antes, eram casos isolados. Os cantadores sertanejos que viviam do improviso ao violão, sentiram, com a primeira conquista, a do alfabeto, que já não dependiam de raras noitadas para colheita de níqueis. Vieram surgindo os primeiros folhetos, vendidos a 200 réis. Homens de talento versátil e de uma fabulosa riqueza de imaginação, mesmo nos primeiros tempos, houve autores que nos legaram duzentos, trezentos ou mais obras em versos. Alguns foram grandes e se tornaram clássicos, sempre reeditados. Manoel Camilo dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcanti, Manoel D’Almeida Filho. Delorme Monteiro da Silva e João José Silva, são alguns dos muitos que, em meio a vasta produção, deixaram alguns folhetos que ainda por muitos anos serão reeditados, lidos e ouvidos pela massa humilde.

É comum, nas cidades nordestinas, a presença desses pequenos autores que vivem exclusivamente de sua produção intelectual. Muitos evoluem para uma incipiente e modesta exploração industrial dos próprios trabalhos; outros, com uma folheteria organizada ou com pequenas tipografias.

Grande quantidade da produção de cordel é o chamado “romance” que explora desde os Doze Pares de França aos casos imaginários de amor, ou mesmo os filmes de Hollywood. Mas o grosso da produção é o folheto

balão vermelho

Maternal - Jardim de Infância

Primeiro Grau

Rua Benjamin Constant, 1110-A

Fone: 2-0409

Matricule seu filho

Fios & Máquinas

. cursos de tapeçaria

tece-lã

cirandinha

. material de tricô e crochê

Gal. Ítala, loja 10

de época, o caso de papôco, o acontecimento do dia. É o desastre, o crime, o foguete rumo à lua, os famosos episódios da vida de Padre Cícero, Lampião, a guerra da Coréia, Hitler, e a guerra do Vietnam, os sequestros de embaixadores, um avião que explode no ar. . .

O povo inculto, até hoje, ainda prefere esta espécie de jornalismo versajado de seus poetas, ao sensacionalismo barato usado por certos jornais de grandes centros. Os acontecimentos vendem-se como jornal e passam com o seu rápido esquecimento natural.

Os romances são sempre reeditados. Mas há figuras que se perpetuam como assunto permanente, ganham a auréola do mito, como é o caso de Getúlio Vargas, por exemplo: "Getúlio contra a carestia", "A Entrada Triunfal de Getúlio Vargas no Recife", "Ele voltará", "Porque sou Getulista", "A Lamentável Morte de Getúlio Vargas", "Nascimento, Vida, Paixão e Morte de Getúlio Vargas", "A Carta de Getúlio", "Chegada de Getúlio Vargas no Céu e seu Julgamento", esses são alguns dos inúmeros folhetos que falam da penetração do ex-presidente na alma popular. A verdade é que o acontecimento, bom ou mau, mas de aspecto sensacionalista, é explorado pelo poeta popular com a mesma avidez do jornalista.

Sua técnica evolui à medida que seus precários meios de comunicação desenvolvem-se. As capas ilustradas do passado que deram trabalho a improvisados e, às vezes, geniais gravadores de madeira, vêm dando lugar ao clichê, à tricomia dos centros mais avançados. Há editores em São Paulo e no Rio que estão acabando com os artistas "cortadores de madeira", em publicações menos características, mas, ainda assim, disputadas pelos autores nordestinos que vêm, como consagração de sua carreira, a capa colorida e as ilustrações interiores das edições sulinas. Os poetas podem estar sendo explorados, mas têm sucesso rápido e colocação nacional para seus versos.

As obras de cordel são classificadas por seus vendedores em três grupos: os folhetos, livros de oito páginas; os romances, com dezesseis ou vinte e quatro páginas e as histórias, com trinta e duas a quarenta e oito páginas.

Segundo Ariano Suassuna, uma deformação crítica que se solidificou com a cultura renascentista, é a principal responsável pelo fato de o estudo da literatura de cordel ainda não ter sido introduzido sistematicamente dentro das universidades brasileiras. A discriminação nascida da condição, muitas vezes de semi-analfabetismo de seus autores faz com que se isole um fato cultural extremamente rico. Estudam-se os cancioneiros medievais ibéricos, e deixa-se de lado esta produção literária de mesma característica, porém viva e em pleno processo de crescimento. O fato é que o cordel ainda é pouco conhecido das populações cultas. Fenômeno cultural e sociológico, as obras de cordel trazem a mesma riqueza dos cancioneiros provençais, cantando nossas vilas, nossas roças, as casas-grandes no lugar dos castelos medievais, a estrutura feudal e artística pela sociedade capitalista e burguesa, o nobre pelo proprietário urbano e rural, o núcleo conventual, pela residência do vigário.

Romancistas, dramaturgos e poetas buscaram inspiração nestes folhetos populares ao caírem grandes obras: José Lins do Rego, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suzzuana e Jorge Amado souberam compreender a importância da imaginação e sabedoria populares, contidas em estado de pureza nestas composições poéticas.

Fica, porém, o medo do que os meios de comunicação de massa possam ocasionar à literatura de cordel, que vai se emaranhando, cada vez mais, dentro de uma estrutura de industrialização à qual pode sucumbir. Há, hainda o temor da força da imagem viva que tanto vem distanciando o homem de sua própria força criativa e dos limites de sua imaginação. E enquanto estas considerações se formam, sentem-se a necessidade urgente de um alerta aos estudiosos no sentido de preservar o que existe hoje, para que não se perca esta inesgotável fonte do espírito popular em estado de pureza e nossa cultura brasileira fique ainda mais pobre.

CALÇADOS



delmonte

LTDA

388
2001

SÃO AS LOJAS

ARPEL
AVENIDA

POLIURETANO É A MODA ... VÁ CONHECE-LO

O CORDEL NO TEATRO

O teatro tem, desde suas raízes mais remotas, conservado o alto sentido místico e ritual que define suas origens. O calor do sentimento popular e a irmandade espiritual que congrega a formação da "alma coletiva" diante do fenômeno dramático, tem alimentado esta arte milenar.

Quando o elemento místico reunia seres em torno de um altar e, num cântico de celebração à fertilidade da terra os homens se integravam num ritual mágico, quando um deles se alça, integrando um espírito novo, em verdadeira encarnação, nasce o teatro.

A partir de então será sempre este sentido mágico de congregação, alimentado profundamente no sentimento e no gosto populares que será o responsável pela constante vivificação da arte teatral. Assim foi dentro do teatro grego, repetiu-se nas requintadas e místicas encenações medievais, cresceu com o teatro popular espanhol, despontou nas atelanas de cujo vértice explodirá a riqueza incomensurável da "commedia dell'arte", onde o espírito popular garante a vivência da arte dramática até nossos dias.

Ao longo da dramaturgia universal vamos encontrar as fontes populares enriquecendo as obras dos mais eminentes dramaturgos. Os trágicos gregos, nada mais fizeram do que colher na mitologia e no misticismo helênico sua fonte de inspiração. Shakespeare recolhe contos, lendas, fatos populares. Brecht utiliza-se da sabedoria popular para levar seus espectadores ao racionalismo que deseja.

Assim é que, no momento em que a dramaturgia reencontra as raízes populares mais puras, tarefa um tanto difícil nos tempos atuais diante da força dos meios de comunicação que funciona como uma faca de dois gumes, irmanando e estratificando, a literatura de cordel surge, dentro da cultura brasileira como um fenômeno de extrema importância.

Nesses livretos, onde a forma popular se mantém pura, onde a abertura à aculturação se identifica com o gosto popular, o dramaturgo brasileiro encontra o veio de que necessita para dar à sua obra aquele sopro vivificador de que tanto carece nossa literatura dramática para adquirir sua fisionomia própria. Aliada à cultura erudita deses escritores e ao talento do encenador que também pode encontrar dentro das danças dramáticas folclóricas, outro veículo extremamente fértil, o caminho para sua expressão autenticamente nacional, nosso teatro talvez possa se livrar da série de des-caminhos que vem enfrentando.

No momento em que se sente, cada vez mais forte, uma conscientização da necessidade de levar o teatro ao povo, somente extraindo do próprio povo sua linguagem seria possível o empreendimento. Porque quanto mais dele o teatro se aproxima, mais sente o quanto tem a lucrar. Quanto mais se tenta levar a ele sua expressão, mais evidente se torna o quanto ele possui de fertilidade criativa e imaginação artística.

MÓVEIS PARATODOS

MÓVEIS DA MAIS ALTA QUALIDADE

LUXUOSOS MÓVES EM JACARANDÁ, CEREJEIRA,
VINHÁTICO, IMBUÍA
CORTINAS, TAPETES, LUSTRES, ADORNOS

RUA SÃO JOÃO, 202 e 232 — FONES: 2-5543 e 2-5579

CORTINAS EM JUIZ DE FORA, AGORA, É COM

MÓVEIS PARATODOS

INSTALAÇÕES E CONFECÇÕES GRÁTIS

SOLICITE NOSSOS DECORADORES

O AUTOR E SUA OBRA

“Se Deus me houvesse dado mais vagares, talvez me fosse possível perpetrar uma biografia do Capitão Virgulino Ferreira da Silva, Lampião — na qual o devaneio teria necessariamente de suprir a controvérsia e a inexistência de seguros dados para tal empreitada.

Lampião tornou-se um mito, uma gesta, um romance do país nordestino. Seus contemporâneos, já observava Mário de Andrade, mais se preocuparam com os crimes de bandido, de “fora da lei”, pintando-o, quase sempre como um sátiro, estrupador de virgens, “dominado sempre, do super-sexualismo”, no dizer de Ranulfo Prata. Por outro lado, o sertanejo que o testemunhou em seus dezenove anos de cangaço, desprezando as datas, recria e interpreta os fatos de acordo com a imaginação, anulando, desse modo, o rigor cronológico e preferindo as versões dos poetas e cantadores populares, sempre aptos a inventar e transfigurar.”

Com estas palavras, Nerthan Macêdo abre seu livro: “Capitão Virgulino Ferreira da Silva, Lampião”, onde trata friamente, num estilo de romance — reportagem, da vida do cangaceiro famoso.

Entretanto, seu Cancioneiro transfigura, como os próprios cantadores nordestinos, a imagem de Lampião, mostrando-o através dos versos de rima marcada, tão próprios da literatura de cordel.

“Faz-se poesia com palavras — diz Nerthan — neste poema há muitas palavras e muita rima, aquela rima pobre e fácil que é da preferência dos cantadores nordestinos. Talvez porque a nossa linguagem e a própria região a que pertencemos andem pesadas de palavras terminadas em “ão”. De resto, tais palavras configuram o grande mundo do sertão feito de solidão, vastidão, Lampião, contrição, lentidão, assombração, etc.

Procurei, quanto me foi possível, ser fiel e autêntico ao comunicar-me, isto é, na retransmissão das vozes interiores captadas na meninice e que perduram e ressoam pelo tempo afora.

Falta sequência ao poema. Explico, explico-me: cantam dentro dele, nele mesmo, as personagens do meio-ambiente — o soldado de polícia, a mulher rendeira, o cego cantador, o menino do cego, o vaqueiro, a moça donzela, o cangaceiro, a beata, o romeiro do Padre Cícero Romão Batista.

Este cancioneiro tem, assim, uma pretensão: a de ser a soma dessas vozes de humildade, violência, misticismo e solidão, quando cantam os feitos (bons e maus) do Capitão Virgulino Ferreira da Silva, de alcunha Lampião.”

SÓ CALÇAS CRE-AN

A CALÇA QUENTE DE SÃO PAULO

AGORA EM JUIZ DE FORA

TUDO A CRÉDITO

RUA HALFELD, 680 — Loja 2

P. R. SILVA

Vidros e espelhos em geral

Cristais - Fumée - Raybam

HALFELD, 744

A MONTAGEM

O espetáculo "Cancioneiro de Lampião", em sua nova apresentação, conserva-se fiel à filosofia de montagem que levou o Grupo Divulgação a uma experiência dramática no início de suas atividades. Testado nas regiões mesmas que lhe deram sentido, sentiu-se a importância de sua concretização em espetáculo dramático e a validade do trabalho realizado.

É uma montagem que congrega o espírito popular e o gosto estético inconsciente do povo ao estudo sistemático da arte dramática e ao conteúdo intelectual e plástico contido no poema original adaptado por José Luiz Ribeiro e musicado por Sueli Costa.

Procura assim aliar o sentido popular ao erudito, num casamento que tem como barômetro a experiência milenar da arte dramática.

É um espetáculo despojado, onde o corpo humano é o centro da criação. Os atores se liberam de qualquer identidade de criação e assumem, de momento a momento, não apenas personagens diferentes, mas o próprio cenário agreste nordestino, e a sonoplastia. Apenas a iluminação lhes dá apoio cênico.

A estrutura é a de um cancionero, bem ao gosto popular, com os cantadores funcionando como verdadeiros narradores e regisseurs da ação dramática e a música pontilhando todo o espetáculo, por sua vez dividido, didaticamente em canções.

Da feira inicial, onde as atenções se concentram na narrativa do cantador que, gradativamente assume a alma popular, os despreocupados populares, alegres e distraídos em sua função corriqueira, assumem as personagens de um romance de cordel; da mesma maneira como, ao redor do balcão de uma venda da mais perdida vila do sertão nordestino, outros populares escutam habitualmente a leitura de um folhetim. No espetáculo, a imaginação desses homens e mulheres se projeta em vivência cênica.

E Lampião surge como na memória popular. Numa auréola de mito — um pouco de anjo e de demônio. E com ele arrasta sua sina fruto de um misto de maldição e coragem reprimida no próprio povo que inveja e lamenta sua sorte, que o teme e ama. E atrás dele vem o misticismo do culto ao Padre Cícero, ainda vivo no nordeste, vem a presença suave de Maria Bonita, a rude simplicidade dos cangaceiros que matam e pedem perdão.

Assim o viu Nerthan Macêdo, com sua profunda vivência nordestina, assim o vê o homem de alpercatas de couro perdido na solidão das caatingas, assim o vê José Luiz Ribeiro em sua adaptação e Sueli Costa na extrema delicadeza e comunicabilidade de sua música — assim o vê o Grupo Divulgação neste espetáculo.

Se o seu problema é a vista,

OTICA REAL

vende a prazo!

o mais perfeito
laboratório
da cidade

gal. epaminondas braga,63

WILSON CALÇADOS

artigos finos

criações exclusivas

RUA MARECHAL DEODORO, 359

FONE 2-487 — Juiz de Fora — MG

A MÚSICA DE SUELI COSTA

“A música de Sueli Costa para o Cancioneiro de Lampião de Lampião de José Luiz é excelente.

Inspirada no próprio folclore da região onde viveu o lendário personagem consegue, através de uma criação melódica original e impregnante, uma ótima simbiose com o belo texto de Nerthan Macedo.

O tema do cantador, inteligentemente utilizado pelo regisseur como uma espécie de leit-motiv que percorre toda a peça, narrando as diversas situações da vida do cangaceiro, a cantilena triste e melancólica do tema de Lampião, do Funeral, do Arcabouços do Azul, do Padre Cícero — lembra o gregoriano — seria proposital? — São de alto teor de criatividade musical, deixando patenteado uma riqueza de inventiva melódica que dá testemunho inequívoco do talento da criadora”.

Este o testemunho do Maestro Carlos Eduardo Prates sobre a música de Sueli Costa para o espetáculo Cancioneiro de Lampião.

A presença enroscada e sonolenta de Sueli, com sua voz arrastada, seus olhos baixos e sempre fugidios, esconde um talento que nasceu numa época de explosão fértil da cultura juizforana.

Era o momento dos shows, do som íntimo, da pesquisa consciente, do estudar muito, do ouvir muito. Era o momento de Sueli.

Daquele tempo, da maturidade que ele trouxe e que já explodiria nas composições do “Cancioneiro”, à Sueli glória nacional do “Encouraçado”, houve um caminho. Da Sueli de hoje, do “Licor de Cacau”, da Sueli de Betânia, de Elis Regina, de Sidney Miller, Tito de Lemos, e tantos grandes nomes da Música Popular Brasileira existe uma carreira firme, definida, uma constância de crescimento.

Durante as apresentações de “Cancioneiro” na Guanabara e agora, na Barca da Cultura, alés das repercussões que provocaram palavras de músicos como Carlos Eduardo Prates, uma outra manifestação elevou-se concreta e indiscutível: o povo assobiava sua música. A comunicabilidade necessária à coerência do espetáculo era uma realidade. O público nordestino assimilou o clima melódico criado por Sueli e integrou-a. No espetáculo da concha acústica, no Piauí, uma enorme massa compacta se comoveu, com sua música tão identificada com o espetáculo, e um faxineiro que aguardava a hora de efetuar a limpeza da concha exclamou: “mas isso é muito bonito, eu nunca pensei que um teatro podia ter uma música assim...”

Isto define tudo. Do momento em que a música de Sueli se coloca neste ponto, cessam as palavras.

TELE-RÁDIO e PRESENTEX

duas lojas para servir melhor!

- . Peças para rádios e televisores
- . discos e artigos para presentes

halfeld, 652 a 654

SIDERAL

ELETRÓ-DOMÉSTICOS

Os mais baixos preços

à vista ou a prazo

marechal deodoro, 550

Reflexões em torno da Barca

Quando os versos de Cecília Meireles eram pronunciados por nossa Virgínia . . . “pus meus sonhos num navio . . . ” iniciava-se o espetáculo da Barca da Cultura. Hoje, amadurecido por uma experiência de grande valor significativo, o Divulgação volta a seu lugar de origem e traz em seu seio a “sua barca”, que desliza, como disse o poeta Paschoal Carlos Magno, “no céu, na terra e no mar”.

Nossa barca, depois de um dilúvio de quarenta dias encalhou nas montanhas de Minas e, ao abrir as portas encontrou todo um enorme terreno para obrar. Encantados com um público virgem à beira do São Francisco, com um contato quente do ritmo do espetáculo, cada noite diante de um público novo, descobrimos nossa barca no Paraibuna, nosso público, que ainda não tem teatro.

E nós, que fomos tão longe com o peito cheio de doação, voltamos ao nosso campo, onde é preciso arar, semear e não deixar que o espinho sufocou a semente, e que o trigo da arte seja bastante para alimentar o espírito de trezentas mil almas.

Conscientes de nosso trabalho, voltamos com grande humildade diante de um banho de cultura que só o povo, em sua sabedoria serena pode dar. Hoje pensamos numa abertura popular, vamos levar teatro aos bairros, num trabalho que começamos há sete anos e que volta a ser importante. A experiência será tentada mais uma vez. Estamos procurando mostrar nosso trabalho a mais pessoas, difundindo o teatro e toda a sua grandiosidade.

É preciso que a parábola dos dons não seja esquecida e que a mensagem de fé no homem e no mundo seja multiplicada e repartida, que Juiz de Fora nos receba como nós viemos a seu encontro — com amor, doação e, antes de tudo, sem amargor na alma.

VEJA O MÁXIMO NA MINI:

Criações exclusivas vestindo a
criança, a mocinha, a mamãe

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Seção para gestantes

Visite



Galeria Bruno Barbosa, lojas 60 — Fone: 2-8720

O GRUPO

depoimentos

“Por falta de oportunidade não conhecíamos o trabalho de José Luiz à frente do Divulgação. Em nossa convivência na “Barca da Cultura” ficou-nos a convicção de que se trata de um dos grupos mais potentes do teatro amador do Brasil, o que prova mais uma vez o quanto vale aquela mistura de grande idealismo, disciplina, teimosia, competência, estudo, seriedade e sobretudo trabalho!

O CANCIONEIRO DE LAMPIÃO foi um dos pontos altos dessa cruzada que se intitulou de “Barca da Cultura”. De parabéns José Luiz, de parabéns Juiz de Fora, de parabéns Minas Gerais!”

Carlos Eduardo Prates

“... enquanto houver no Brasil grupos como este que Juiz de Fora nos enviou, nada temos a temer sobre a sorte do teatro amador. Realmente o GRUPO DIVULGAÇÃO deu uma demonstração do que seja, ou pelo menos deva ser, o amador, isto é, aquele que não tendo compromisso profissional assume o teatro como uma profissão de fé e realiza com perfeição singular a obra de arte.” (Linda Bulik — Folha de Londrina).

“O DIVULGAÇÃO — é motivo para colocarmos JF em nossa rota, quando passando por Minas.”

Walmyr Ayala — Jornal do Brasil

“Ao grupo de Minas, Juiz de Fora, ao Divulgação, depois de seis anos de lecionar teatro em Universidades, depois de muitos anos, quase sete anos de estudos e observação na Europa, quero dizer a vocês que vocês constituíram uma imensa revelação para mim e num ato de rejuvenescimento, queria por isso agradecer o espetáculo que vocês me deram (Fausto Fuser — “Folha de São Paulo)

... “vocês me lavaram a alma. Agora eu posso novamente acreditar no teatro” (Luciana Kuster Cherubim — Curitiba)

“Grupo Divulgação afirma-se, realmente como o melhor grupo de teatro universitário do Brasil “(Embaixador Paschoal Carlos Magno)

LANCHONETE APOLO

O ponto de encontro dos jovens

MARECHAL DEODORO, 548

CURSO 2001

A orientação exata para o ICHL
MATRÍCULAS ABERTAS / NOVAS TURMAS EM AGOSTO

Halfeld, 610 - Shopping Center: Grupo 316 Tel 2-9814

O DIRETOR

A direção do espetáculo "Cancioneiro de Lampião" está assinada por José Luiz Ribeiro que responde também pela adaptação do texto literário de autoria de Nerthan Macêdo.

Considerado por Paschoal Carlos Magno, grande viajante e conhecedor de grupos teatrais brasileiros como "o melhor diretor jovem do teatro atualmente no Brasil", premiado não só dentro de Juiz de Fora, mas na Guanabara e no Paraná, José Luiz tem recebido inúmeras propostas de profissionalização.

Todavia, para nós, do Grupo Divulgação, José Luiz é outra coisa. É sobretudo aquele que dedicou sua vida ao teatro amador. Aquele que acredita na enorme força desta arte maluca que congrega seres humanos sob algumas tábuas e que, dali, luta contra todas as forças para transmitir, sobretudo, uma mensagem de vida e de esperança. Aquele que crê que, através do teatro, é possível aliviar o peso das dificuldades que o homem enfrenta no dia a dia e tornar o mundo mais humano e justo.

José Luiz é o estudioso, o pesquisador, o que cria e deixa criar, o que transmite aquilo que, na experiência dolorosa de mais de dez anos de dedicação ao teatro, adquiriu.

José Luiz é o animador. É o líder natural e incontestável que faz com que os membros do Grupo Divulgação continuem a lutar contra incompreensões e distorções, contra a inveja e o descrédito.

Encontramos na presença deste diretor um estímulo ao aprendizado, porque é o que ele tem feito ao longo destes anos. Aprender com os atores, com o público, com o povo, com a experiência dramática da humanidade.

Por isto acreditamos em seu trabalho. Por isto confiamos em seu talento. Porque não é fruto do acaso, é uma conquista duramente adquirida e em constante processo de crescimento. Porque é uma resultante da fé no teatro.



Cia. Industrial e Construtora
PANTALEONE ARUCRI

Desde 1895 edificando Juiz de Fora

RUA ESPÍRITO SANTO, 444

LAVANDERIA SUL AMÉRICA

50 ANOS SERVINDO JUIZ DE FORA

São João, 372

Av. Sete de Setembro, 558

Sta. Rita, 359

DIFUSORA 730

"O SOM NOSSO DE CADA DIA",
cumprimenta o Grupo Divulgação.

AGRADECIMENTOS

Engenheiro João Martins Ribeiro

Magnífico Reitor da UFJF

Economista José Ventura

DD Secretário Geral da UFJF

Sra. Anna Maria Paletta Hargreaves Ribeiro

Ao povo do São Francisco que com sua pureza de espírito fez reforçar nossa fé no milagre do teatro.

Aos canais de Comunicação e a todos que, através da divulgação de nosso trabalho, incentivam nossas realizações, mostrando, assim, que compreendem que

"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO TEATRO" (LORCA)

“ CLICK ”

Faça sua escolha certa

SÃO JOÃO, 178

Estamos dirigindo um lugar igual ao que gostaríamos de levar nossos amigos para um papo, um drink e um som. Esperamos sua companhia

no SENZALA

Rua Henrique Burnier, 480-B

Mariano Procópio

TRABALHOS APRESENTADOS

PELO

GRUPO DIVULGAÇÃO

espectáculos antológicos:

amor em verso e canção
nomem do século XX
antologia da mulher

departamento de teatro infantil
a onça de asas walmir ayala

outros espectáculos

cancioneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens à procura
de um autor

próximo espetáculo
O circo de bonecos

apresentações didáticas
morte e vida severina
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões, canto de uma nação

nerthan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
gogol
máximo gorki
friedrich durrenmatt
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiller
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca

luigi pirandello

oscar von pfull